Outras perspectivas sobre Paulo: o caso paulino frente ao método histórico crítico e novas propostas metodológicas

Other perspectives on Paul: the Pauline case in front of the critical historical method and new methodological proposals

Jonas Machado[1]

Submetido em 13/12/2025
Aceito em 29/04/2026

RESUMO

A literatura sobre o apóstolo Paulo é ampla e inesgotável, especialmente depois da denominada Reforma Protestante. Este artigo apresenta um apanhado histórico resumido das interpretações das cartas paulinas, das antigas e mais recentes perspectivas, tendo em vista o Método Histórico Crítico (MHC), seu impacto neste campo de pesquisa, e as mais recentes propostas de renovação da abordagem paulina na Era do Leitor. Destaca o MHC e seus limites, as propostas sobre um perfil paulino ao longo da história, o problema de estabelecer uma teologia paulina, e aspectos da Nova e Pós-Nova Perspectivas sobre Paulo. Ele se insere no esforço para estimular novas abordagens que sejam compatíveis com as aspirações científicas contemporâneas, com uma proposta de retranscendentalização paulina, no âmbito de uma abordagem da experiência religiosa como concepção legitimamente humana, que não a classifique previamente e negativamente como mera ficção literária da antiguidade, ou uma patologia, mas que busca um diálogo interdisciplinar com tendências recentes.

Palavras-chave: Cartas Paulinas, Método Histórico Crítico, Era do Leitor, retranscendentalização.

ABSTRACT

The literature on Paul the Apostle is wide and inexhaustible, especially after the Protestant Reformation. This article presents a summaried historical catch of Pauline letters interpretations, Ancient and New perspectives, in view of the Historic-Critical Method, its impact on this area of research, and more recent proposals of renovation on Pauline approach in the Eage of the Lector. It highlights the Historic-Critical Method and its limits, the proposals on a Pauline profile throughout history, the problem of establish a Pauline theology, and aspects of New and Post-New Perspectives on Paul. It is included in the efforts in order to encourage new approaches that are to be compatible with contemporary scientific aspirations, with a

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Umesp. Docente da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: machadojonas61@gmail.com.

proposal of Pauline retranscendentalization, in the framework of a religiously experience approch as a legitimately human conception, that do not classify it previously and negatively as a mere literary fiction of antiquity, or a pathology, but ask for a interdisciplinar dialogue with recente tendencies.

Keywords: Pauline Letters, Historic-Critical Method, Age of the Lector, retranscendentalization.

1 Introdução

Paulo é amplamente considerado como o maior teólogo cristão das origens, e continua sendo fonte para diversas e recentes discussões teológicas. Apesar da já histórica enxurrada de artigos e livros que têm este apóstolo das origens e suas cartas como tema, o assunto parece inesgotável.

Este artigo poderia ser visto como um "nascido fora de tempo", para fazer um jogo de palavras com uma expressão paulina (1Cor 15.8), no renovado debate recente no Brasil sobre o denominado Método Histórico Crítico (MHC)[2] e novas propostas metodológicas complementares em certos aspectos, mas contrastantes em outros, tendo em conta a chamada Era do Leitor (Adam; Saldanha; Reblin, 2019, p. 277-280). Se vamos falar de uma reavaliação do referido método, o campo paulino tem um lugar de destaque nessa questão.

O propósito desse artigo é apontar algumas implicações possíveis especificamente no campo do estudo das cartas paulinas, tendo em vista a história da interpretação especialmente em referência ao MHC até essas referidas recentes propostas, e também a história da interpretação de Paulo até tendências recentes, com uma retomada do foco na experiência religiosa, notadamente o êxtase religioso, no campo do que estamos chamando de retranscendentalização paulina.

Para isso, também vamos traçar algumas considerações sobre novos métodos de abordagem que estão se despontando nos últimos anos, como o estudo de Paulo no campo sociológico, nas teorias da linguagem, e até mesmo no campo da neurociência e da neuroteologia. O objetivo é mostrar possibilidades de pesquisa que sejam coerentes de alguma forma com a mencionada Era do Leitor nos estudos hermenêuticos desse apóstolo.

2 Considerações metodológicas e os estudos paulinos

Nos últimos anos cresceu o questionamento em torno do tradicional MHC, e do seu correlato, o chamado "Método Histórico Gramatical" (Fitzmyer, 2011, p. 73-90; Lopes, 2005, p. 115-138; Fontana, 2005, p. 85-91).[3] Estão em pauta especialmente as reservas quanto ao que ele alegadamente prometeu e não cumpriu, isto é, oferecer uma pesquisa neutra que fosse capaz de extrair "a verdade" dos textos (Bray, 2017, p.416).[4] De fato, seus limites são maiores do que inicialmente foi considerado.

---

2 Emprego a expressão "Método Histórico Crítico" no singular porque é corriqueira, mas ciente de que esse método envolve diversas facetas.

3 Alguns pesquisadores preferem este último por considerá-lo afastado da tendência racionalista e liberal do MHC, embora ambos tentem responder as mesmas perguntas ao texto: quem escreveu? quando? de onde? para onde? para quem? por quê? o quê?

4 Este autor menciona na página citada, por exemplo, a afirmação de Thomas Cheyne: "Um verdadeiro evangélico começa, não com o livro de oração e os Artigos, mas com as Escrituras Sagradas. E um

Há hoje inclusive aqueles que defendem que o MHC não somente não foi capaz de oferecer objetividade na busca da verdade do texto, mas inclusive, com origem anterior ao período moderno, já chegou marcado por conceitos políticos e ideológicos que o caracterizaram (Hahn; Wiker, 2018, p. 8).

Quanto ao estabelecimento da verdade do texto, mesmo no caso de Paulo de quem, diferente de Jesus de Nazaré, há fontes diretas, de sua própria autoria (Dunn, 2003, p. 39),[5] as dificuldades estão exemplificadas nas incontáveis e divergentes publicações nos últimos tempos quanto a desvendar quem teria sido este personagem histórico. A observação desse material, ainda que não em exaustão, revela que muitas caricaturas, especialmente de natureza teológica, estão pelo caminho, tendo em vista que os personagens (ou "Paulos") resultantes são bem diferentes e até irreconciliáveis (Räisänen, 1983; Dunn, 2003; Engberg-Pedersen, 2000; Campbell, 2009; Meeks, 1972).[6]

Neste caso, a questão não diz respeito tão somente às disputas teológicas em meios confessionais atuais em torno de Paulo, mas sim se as Ciências da Religião e a História podem perguntar e pesquisar com certa plausibilidade a partir das fontes disponíveis sobre quais foram as crenças de Paulo. Se havia uma crença central ou algumas crenças fundamentais e outras periféricas, e se é possível descrever uma hierarquia de tais crenças. Isto inclui perguntas por possíveis mudanças ao longo de sua vida e carreira.

Também é pertinente perguntar se houve uma teologia de Paulo, independente da crença religiosa pessoal de quem pesquisa ou falta dela. Naturalmente que isto não diz respeito somente a Paulo, mas se insere no estudo científico da história das crenças religiosas em geral.

A disciplina Ciências da Religião pergunta pelas crenças dos povos antigos, razão pela qual precisará avaliar fontes disponíveis e, no caso de fontes literárias e seus gêneros, empregará certos métodos para tentar um resultado plausível. Isto precisa ser feito por metodologias que incluam caminhos na direção de vencer o preconceito inverso de reduzir e considerar a "verdade" ou a "realidade" apenas do lado da modernidade e seu racionalismo.

No referido movimento de reconhecimentos dos limites do MHC se inclui aquele que se dá conta de que não só a análise gramatical e sintática das fontes está sujeita a subjetividades. A abordagem das, em geral, escassas fontes e dos métodos que procuram fornecer a reconstrução do *Sitz im Leben* (Leite, 2021, p. 2-3)[7] das perícopes em análise geralmente também resulta em reconstruções artificiais. Além, naturalmente, do velho problema da circularidade, quando, por ausência de outras fontes externas, o *Sitz im Leben* é dedução a partir da própria perícope em análise, isto é, dela se reconstrói por critérios considerados racionais a situação que daria plausibilidade para uma determinada interpretação (tida como científica) do texto (Adams; Horrell, 2004, p. 51-59).[8]

---

evangélico reformador deve provar sua sinceridade protestante adotando princípios históricos modernos de crítica da Bíblia." A obra citada logo abaixo, de Hahn e Wiker, apresenta uma longa discussão do tema, com exemplos de diversos autores do período que alegavam defender e praticar uma abordagem científica.

5 No cânon, sete cartas são de autoria paulina inconteste, seis são de autoria disputada, que parte dos estudiosos considera escritas por discípulos de Paulo. Para Dunn, o *corpus paulinum* seria como um cometa, com um núcleo (as cartas autênticas) e uma calda (as cartas dos discípulos a ele atribuídas) ligada ao núcleo.

6 Nestas obras citadas temos respectivamente o Paulo contraditório, o Paulo teólogo, o Paulo estóico, o Paulo apocalíptico, entre outros.

7 Esta é uma expressão alemã cunhada por Hermann Gunkel no século XIX, que significa "situação de vida", e pergunta pelo contexto histórico mais específico de uma perícope.

8 Esta obra citada faz referência à teoria da tese (cristianismo petrino) antítese (cristianismo paulino) e síntese (Atos dos apóstolos) de Ferdinand Christian Baur, considerada hoje uma relíquia da

Até mesmo a arqueologia sofreu revisão, uma vez que ela deixou de ser uma disciplina auxiliar, perdeu o posto de constatadora de "fatos" a partir de seus artefatos, para ser uma disciplina independente, ao passo que quem exerce a arqueologia passou a ser intérprete, e não meramente quem apresenta o que dizem os materiais que chegam a suas mãos a partir das escavações. Isto sem mencionar o problema da arqueologia apenas como instrumento de confirmação de certos dogmas e tradições já estabelecidos, um papel utilitarista e pouco científico, mas que tem persistido (Funari, 2007, p. 79-86, Crossan; Reed, 2007, p. 7-12).

A decepção com o positivismo e a pretendida objetividade histórica tem relações tangentes com as novas propostas de interpretação que estão no campo do que se convencionou chamar de pós-modernidade ou modernidade líquida. Se já houve a ênfase no próprio texto, na autoria do texto, ou em quem o leu originalmente, tal ênfase agora está em quem o lê na atualidade. O que está em pauta não é o que o texto diz (ou disse), mas como ele é lido por quem o lê agora, na atualidade (Vanhoozer, 2005, p. 32-38; Castelli *et al*., 2000, p. 24). Na verdade, esta leitura atual é o único modo de acesso ao texto, pois ninguém o lê de modo puramente neutro, sem perspectivas próprias.

Hoje é bem comum que se fale em deformação inevitável do texto por parte de quem o lê. Mas, também se pode falar de graus de aproximação do texto em lugar de apropriação dele. Os diversos graus de aproximação estão ligados, cientificamente, ao exercício contínuo de aproximação e comparação de leituras antigas e recentes que nunca cessa, mas pode fluir para abordagens mais plausíveis, ainda que nunca acabadas. Seria este um bom caminho? A resposta a ser dada aqui, a julgar pelas intermináveis publicações, é que é necessário continuar tentando.

Naturalmente, é preciso enfatizar, aqui estamos falando de leitura com plausibilidade científica acadêmica, e não de esgotar todas as possibilidades de relação entre texto e quem o lê. A abordagem científica tem limites e critérios metodológicos específicos. Há outras formas de abordagem que têm seu valor e dignidade em contextos que lhes são próprios, mas não podem ser classificadas de "científicas" (Leonel; Zabatiero; Nogueira, 2011, p. 9-20).

Então, sendo assim, para muitas pessoas da área, os ganhos do científico MHC devem ser não somente reconhecidos, mas também afirmados enfaticamente. Entretanto, no mesmo tom também seus limites devem ser anunciados. As suas possibilidades são bem mais modestas do que o que foi proclamado em seu momento de glória entre os séculos XVIII e XIX, cujos efeitos permanecem até hoje. Esse método e a abordagem científica de fontes antigas têm limites que lhes são intrínsecos, e tais limites devem ser amplamente declarados, uma vez que ele persiste e não dá sinais de que vai ser superado (Adam; Saldanha; Reblin, 2019, p. 296-299).

Portanto, esse método pode ser enriquecido, pois nos parece que o caminho não é descartar, mas enriquecer, razão pela qual se fala em renovação, e não em abandono, como o título dado por Paulo Nogueira: *Os Métodos Histórico-Críticos: Pressupostos e Pautas para Renovação* (Adam; Saldanha; Reblin, 2019, p. 296-310). Para isto, é preciso reconhecer a pluralidade metodológica que tem sido proposta mais recentemente nas diversas áreas de estudo da história antiga, notadamente nos estudos bíblicos, que também buscam plausibilidade científica.

O texto importa junto com sua estrutura sintático-gramatical. Mas o texto não basta por si mesmo. Não é possível se contentar com a "exegese pela exegese", como se esta fosse uma disciplina autônoma e neutra, ou mesmo com a clássica afirmação "A Bíblia interpreta a própria Bíblia" (Dillenberger, 1961, p. xxxi). Esta é uma declaração teológica

modernidade do século XIX, baseada na filosofia dialética de Georg Hegel e não na história, mas que ainda hoje recebe novas abordagens.

e bem pouco histórica. Mesmo para aqueles que creem, no sentido religioso, uma abordagem científica não pode prescindir da história.

Por um lado, é necessário reconhecer os limites dos textos no que se refere à mencionada perspectiva científica. Nós não temos o que os autores "pensaram", ou mesmo o que os autores "disseram", mas somente o que eles "escreveram" (ou mandaram escrever). O que temos é um retrato de um momento estampado em forma escrita. Por outro lado, sabemos que qualquer retrato tem um contexto vivencial que está visceralmente ligado a ele, mas também que nosso acesso a este contexto depende das informações que podemos obter sobre ele, e de nossa interpretação destas informações (Hewitt; Sharp, 2024, p. 449-450).[9] Eis o dilema. No que diz respeito a Paulo, temos alguns desses retratos em suas cartas.

Em paralelo ao reconhecimento dos limites do MHC, têm surgido ultimamente tentativas enriquecedoras de novos referenciais teóricos para a leitura científica de textos antigos do mundo bíblico, ou período das origens do judaísmo e do cristianismo, leitura esta não limitada ao estudo dos livros canônicos.

Um campo específico que tem marcado presença no Brasil é o que podemos denominar de modo mais amplo como "Linguagens da Religião", que abarca conceitos das ciências da linguagem na relação de sentido entre texto e leitor. Esta tendência propõe que a exegese bíblica dialogue para além dos métodos tradicionais de abordagem (Nogueira, 2015, p. 7, Leonel; Zabatiero; Nogueira, 2011, p. 10, Adam; Saldanha; Reblin, 2019, p. 325-339).[10]

Nomes como Ferdinand de Saussure (2015) e seu conceito de natureza do signo linguístico, Mikhail Bakhtin (2016) e seu dialogismo, Algirdas Greimas (Greimas; Courtés, 2008) e sua semiótica discursiva têm figurado como referenciais teóricos de pesquisas recentes sobre os textos antigos. Especialmente estes dois últimos, por causa da aproximação de suas teorias literárias com a pesquisa em questão, têm aparecido como referenciais em estudos a partir dos anos 1960, e nos últimos anos vêm se destacando no campo das Ciências da Religião e Teologia em sua análise dos textos religiosos antigos.

Valendo-se de diversos referenciais no campo da linguagem, como Bakhtin e Greimas, de modo geral essa tendência tem como uma marca presente constantemente o conceito de que quem lê está sempre em posição ativa na leitura e pesquisa de fontes. Neste âmbito, a mera abordagem dos textos bíblicos apenas em moldes tradicionais do MHC é considerada atualmente carente de revisão, e, ao que parece, até mesmo ingênua diante dos resultados obtidos até hoje.

Essas teorias da linguagem já estão em voga no mundo acadêmico há algum tempo. Entretanto, só mais recentemente as pessoas que se debruçam nos estudos bíblicos começaram a se aventurar nesse caminho, à busca de metodologias que sejam, de algum modo, coerentes com os esforços hermenêuticos (Nogueira, 2015, p. 8-12).

A hesitação em tal aproximação ocorreu por desconfiança de que esse empreendimento não poderia contribuir muito para um método que já vinha sendo considerado suficiente para o labor interpretativo de textos bíblicos. Esta espécie de autossuficiência do campo dos estudos bíblicos continua sendo um desafio para novas metodologias, conforme Zabatiero (Nogueira, 2015, p. 217).

---

9 Sharp nos lembra que por contexto estamos falando de círculos concêntricos de palavras numa sentença, num parágrafo, num livro ou carta, num corpus de um autor, num contexto histórico. Ao passo que, neste último caso, não podemos fazer uma distinção artificial entre, por exemplo, judaísmo e helenismo, colocando uma cunha entre eles como se existissem de modo distinto.

10 Inclui-se aqui o reconhecimento de que há uma pluralidade de leituras da Bíblia que, independentemente do juízo que se faça de cada uma, tem ocupado seu espaço nas igrejas e na academia, ao passo que se nota um abismo entre as leituras que se fazem naquelas e nesta, como afirmado por João Leonel. Veja também o artigo de Schmitt *Método Histórico Crítico: um olhar em perspectiva*, na obra editada por Adam.

Isso tudo não é negar completamente a possibilidade de valoração científica no que se refere ao signo e suas implicações complexas, até porque quem pesquisa continua à espera de entender os textos de outras pessoas, e vice-versa, em certas bases comuns. Entretanto, é preciso afirmar em alto e bom som que não possuímos tal objetividade. Podemos apenas vislumbrá-la, desejá-la, sem abrir mão da necessidade de compreender melhor as manhas de sentido implicadas na comunicação humana, e o dinamismo que envolve a relação entre o texto e quem o lê, numa constante busca, sempre inacabada.

3 Caminhos clássicos dos estudos paulinos e a questão da teologia paulina

Ora, é inegável que as cartas paulinas têm um papel fundamental ao longo da história da formação do cristianismo, e também seu papel nas origens.

Passando por Marcião, pelo movimento montanista, por Agostinho da Hipona e outros podemos nos dar conta do potencial que as cartas de Paulo tiveram quanto ao pretenso estabelecimento da "verdade".

Agostinho é uma figura determinante na história da interpretação de Paulo, tendo em vista sua importância em seu próprio tempo até a atualidade, em especial sua amplamente reconhecida influência sobre a interpretação paulina por parte dos reformadores.

A visão de Agostinho (2019, cap. 10-11) sobre o mal no ser humano, por exemplo, em termos de "propagação" contra a "imitação" de Pelágio, a partir da sua interpretação de Romanos 5.12 e o efeito do pecado de Adão sobre a humanidade em termos de uma depravação total, gerou uma visão negativa da condição humana, e pavimentou o caminho para uma consciência ocidental culpada, como destacado por Stendahl (1986, p. 78-96).

Um momento singular foi a Reforma Protestante. A centralização da justificação pela fé (embora não abordada nas noventa e cinco teses) junto com a carta aos Romanos como tratado teológico da essência da fé cristã por parte dos reformadores, notadamente Lutero e Calvino (Dillenberger, 1961, p. 10-11; Calvino, 1997, p. 26), tem sido cada vez mais caracterizada como postura teológica pouco histórica quanto a ser fiel representação de Paulo (Kim, 2002, p. xiv; Davies, 2022, p. 78; Grasso, 2020, p. 108-144; Deenick, 2024, p. 530-531).[11]

À semelhança de Schweitzer (2005, p. 479) em relação ao Jesus histórico, que afirmou que o Jesus do liberalismo moderno jamais existiu, vozes se acumulam a perguntar pelo Paulo histórico, com a profunda suspeita de que o que tem sido geralmente apresentado é um Paulo caricato, muito mais teológico – com a cara da teologia de quem o interpreta – do que histórico.

Os próprios pesquisadores judeus, que há pouco questionavam Paulo como o pervertedor do que o próprio Jesus de Nazaré teria estabelecido como bom judeu, agora o saúdam como um irmão, ainda que herege em meio à diversidade judaica de seu tempo (Hagner; Harris, 1980, p. 143-165; Segal 2010, p. 11-16 e 23-68).[12] Mesmo que estes

[11] A grande influência das novas propostas em causar tal reviravolta, principalmente em ambiente anglo-americano, e não tanto entre germânicos é observada por Kim. Há renovadas discussões pontuais com implicações mais amplas para a justificação pela fé, como, por exemplo, uma tentativa de harmonizar o aspecto forense com o aspecto cosmológico no "Paulo apocalíptico" (Davies), ou se o sentido de *pístis Christoú* é "fé em Cristo", "fidelidade de Cristo", ou ainda "o sistema de fé cujo tema é Cristo" (Grasso), ou mesmo a relação entre fé e batismo (Deenick).

[12] D. Hagner apresentou um bom esboço histórico disto até 1980. Apesar do subtítulo, há uma visão muito positiva de Paulo em Segal.

sejam efeitos da aproximação entre judeus e cristãos na era pós-holocausto, mudanças significativas como estas colocam em xeque os métodos tradicionais dos estudos paulinos quanto ao seu rigor, objetivo histórico e plausibilidade científica dos resultados das análises do *corpus paulinum*. Isto, entretanto, não significa que não seja possível avançar.

A partir dos anos 1970 ganhou destaque a abordagem que podemos chamar grosso modo de sócio-política, que pretende compreender melhor Paulo em seu contexto greco-romano, por um viés mais sociológico. Os trabalhos de Theissen (1982), Meeks (1992) e Horsley (2004) procuram apresentar reflexões importantes sobre o mundo mais amplo no qual Paulo vivia as implicações para sua fé e sua relação com as igrejas que fundara (Vasconcelos; Funari, 2013, p. 6-9).

De modo geral, o que estes estudiosos fazem é apresentar referenciais teóricos para embasar seu estudo do apóstolo Paulo e o grau de sua proeminência nas origens do cristianismo em meio às relações com a sociedade em que vivia. O evangelho de Paulo e sua insistência em Jesus como "Senhor" de todos diante de quem todo joelho se dobrará (Fl 2.9-11) no contexto imperial da supremacia dos Césares tem dimensões sociopolíticas a serem consideradas, que não podem ser negligenciadas como vem acontecendo ao longo do tempo.

Não poderíamos deixar de voltar especificamente ao assunto da busca por uma teologia paulina. A questão principal aqui é que, por um lado, para muitas pessoas que pesquisam e diversas escolas de pesquisa paulina, atribuir ao conteúdo das cartas de Paulo o termo "Teologia" é praticamente um pressuposto, algo tido como certo (Dunn 2003, p. 25). Mas, por outro lado, há quem veja tal atribuição com profunda desconfiança, (Matlock; Novenson, 2017, p. 71-93).

Um dos principais problemas alegados é que o termo "Teologia" implica sistematização de ideias e conceitos religiosos por uma perspectiva dogmática. Quando se emprega este termo, o adjetivo "Sistemática" fica pressuposto. Uma Teologia concebe uma explicação das ideias e conceitos de modo que revelem certa harmonia, com vistas a uma reta doutrina (Carson, 2008, p. 9-16).

Conquanto de modo geral se reconheça o problema, no caso de Paulo, e especialmente em ambiente protestante, a carta aos Romanos, embora seja uma carta, tem sido amplamente considerada como um tratado teológico, pelo menos desde quando Lutero a considerou como o evangelho em sua mais pura expressão (Dillenberger, 1961, p. 19).

Visto que esta carta é um eixo para os estudos bíblicos paulinos, por causa do seu conteúdo, peculiaridade e efeito na história da teologia, o posicionamento que quem pesquisa adota sobre este assunto determina muita coisa desde o início. Stuhlmacher (1994, p. 6-9 e 244-246) e Andrew Das (Matlock; Novenson, 2017, p. 237-257) estão entre os que enfatizam a natureza circunstancial da carta.

Em geral, a questão não está, na verdade, em negar uma teologia paulina. Como já dissemos, em certo sentido cabe à História perguntar pelas crenças paulinas. Mas, há diferença entre buscar certa coerência nas crenças de Paulo e elaborar uma sistematização teológica estanque, a quem possa interessar, que seja válida para todos os tempos.

O termo "teologia' é questionado quando pressupõe tal sistematização. Uma abordagem mais histórica está em, por exemplo, Schnelle (2010, p. 20-46). Recentemente, Adela Collins ressaltou o conteúdo não sistematizado das cartas de Paulo para uma avaliação de sua ética, e propôs uma leitura com Hauerwas e Habermas como referenciais teóricos para discutir questões éticas de gênero, tão em evidência em nossos dias, a partir do *corpus paulinum* (Collins, 2023, p. 6).

4 A nova perspectiva sobre Paulo e outras perspectivas paulinas

A Nova Perspectiva sobre Paulo, que já passa dos quarenta anos, trouxe um novo momento para os estudos bíblicos paulinos, e representa um divisor de águas. As publicações seminais de Sanders (1987) e Dunn (2011, p. 155-185), originalmente de 1977 e 1982, geraram diversas reações favoráveis, complementares e contrárias (Kim, 2002), como a crítica de Stuhlmacher (2002, p. 15-91), e das várias discussões em artigos na obra editada por Hawthorne, Martin e Reid, como, por exemplo, o verbete sobre "obras da lei" de Thomas Schreiner (Hawthorne; Martin; Reid, 2008, p. 883-887).

Essa Nova Perspectiva que, na verdade, não é nada nova, como alguns já observaram (Stuhlmacher 2002, p. 95), surgiu no momento certo na era logo após o holocausto para causar um grande impacto. Especialmente a famigerada oposição entre judaísmo e cristianismo, e também hostilidade entre catolicismo e protestantismo, ficaram sob novos olhares de modo irreversível a partir de então. Mas, como também já tem sido observado, essa Nova Perspectiva continuou "velha" em aspectos importantes.

Por exemplo, a muitas vezes citada afirmação de Sanders (1987, p. 552) de que, para Paulo, o problema do judaísmo é que ele não era cristianismo soou como a velha oposição anacrônica entre judaísmo e cristianismo nas leituras tradicionais dos estudos bíblicos paulinos.

Por outro lado, Sanders demonstra excelente percepção ao discorrer sobre padrões de religião em contraste com as elaborações teológicas mais minuciosas, uma vez que, enquanto aqueles são próprios da população religiosa em geral, estas são próprias de poucos especialistas.

Sanders, entretanto, reduziu seu foco *a priori* ao enfatizar a *razão* e o *pensamento*, que inclusive destacou em itálico perto da conclusão de seu livro. Nesta finalização de sua obra, alegando falta de acesso a fontes de pesquisa, ele descarta pesquisar algo tão fundamental – a experiência religiosa paulina (Sanders, 1987, p. 18 e 549).

Dunn, por sua vez, conseguiu construir o que, para boa parte da academia, é uma hipótese razoável e sustentável a respeito das "obras da lei" em Paulo, que soou como um complemento àquilo que teria faltado na pesquisa de Sanders, ou pelo menos que seria uma continuação plausível de sua obra. Ele, entretanto, trilha caminhos tradicionais quando pretende uma teologia de Paulo com Romanos como "gabarito", que não foge da tradição de Romanos como tratado teológico que demonstra ter implicações centrais para como se entende a teologia de Paulo (Dunn, 2011, p. 155-185; Dunn, 2003, p. 54).

Em sua publicação de peso sobre a teologia de Paulo, originalmente duas décadas após o livro seminal de Sanders, perto da virada do milênio, Dunn admite a necessidade de abordagem da experiência religiosa paulina, mas ressalta o pouco interesse acadêmico pelo assunto (Dunn, 2003, p. 54 e 449-453). Mais uma vez, um assunto fundante é adiado.

Aqui é bom lembrar que a supremacia da razão é a grande característica da modernidade. Cabe perguntar se esta não é uma alegação negativa *a priori*, que deixa de lado uma perspectiva fundamental para o estudo da religião, uma vez que a experiência religiosa é um elemento intrínseco aos textos em questão, mas tratada com desdém pelo racionalismo.

Também cabe ressaltar que, conquanto existam debates quanto a considerar Paulo teólogo, pensador, judeu herege, apocalíptico, subversivo, entre outras coisas, ninguém questiona ter ele sido um religioso, e, convenhamos, acima de tudo um religioso, típico de seu tempo. Um religioso com as várias características que o compunham, incluindo as crenças, os pensamentos, as inquietações, as reações ao seu mundo, e, algo frequentemente negligenciado, a sua experiência religiosa.

Por essa mesma época da referida obra de peso de Dunn, Ashton, já configurando o período da "Pós-Nova Perspectiva sobre Paulo", ousa comparar esse apóstolo de Jesus Cristo a um xamã pela perspectiva da experiência religiosa, desafiando o conceito de comparar o incomparável, como se expressou Detienne (2004, p. 9-16 e 45-52). O trabalho de Ashton assusta e levanta questionamentos, mas não deveria ser descartado previamente, pois, a princípio, para quem pesquisa cientificamente, não há elementos que não possam ser comparáveis (Ashton, 2000, p. 1-28; Campbell, 2009; Tilling, 2014).[13]

Por outro lado, não faltam as pessoas que querem submeter a experiência religiosa paulina a uma redoma canônica. Aqui se incluem posturas típicas como a de Guthrie (1984, p. 14-15), que quer fazer distinção entre a experiência de Paulo e as experiências de visões e êxtases, e a de Fee (2019, p. 752-753, 853 e 928-930) que afirma que a experiência visionária da ressurreição não é comparável a outras experiências visionárias. Estas são afirmações teológicas, mas pouco históricas. A abordagem científica não pode prescindir de qualquer tipo de comparação por antecipação.

No começo do século XX, Deissmann falava em "cristoforia" e "cristolatria" mais do que "cristologia" no caso de Paulo. Falou em misticismo paulino sem assumir uma identificação com os místicos da união plena com a divindade, uma vez que Paulo nunca diz "eu sou Cristo, e Cristo sou eu". Mas, isto não deveria impedir a comparação, uma vez que a expressão "em Cristo" e seus cognatos (nele, no Senhor) ocorrem mais de cento e sessenta vezes nas cartas paulinas. Schweitzer também percebeu a posição central dessa expressão no epistolário paulino, mas considerou principalmente o aspecto coletivo participativo implicado na expressão, expressão esta que, para ele, era apenas uma braquiologia (Deissmann, 1957, p. 135-157; Schweitzer, 2003, p. 160; Davey, 2019, p. 306-331).

Como alega Ashton (2000, p. 22-25, 143, 241), é provável que essa perspectiva tenha sido sufocada durante o século XX pelo sucesso da teologia da Palavra de Karl Barth, que criticou severamente a religião como meio de chegar a Deus, o que incluía as noções de experiência religiosa.

De fato, a imagem de Paulo como teólogo pregador da justificação pela fé tem uma história contundente, especialmente da Reforma Protestante até nossos dias. Mas, esta imagem tem se mostrado crescentemente muito mais teológica que, de fato, histórica. Parece que estamos diante de uma caricatura que precisa de nova revisão, para o bem de uma abordagem que seja mais plausível, com a vantagem de que agora temos uma bagagem bem maior para tentar novos caminhos.

Esta mencionada dicotomia entre história e teologia, e as várias vertentes da interpretação das cartas paulinas que têm sido oferecidas, também provoca tentativas de alcançar uma abordagem que seja justa ao conteúdo paulino como um todo. Este é o caso da recente tentativa de Matthew Sharp avaliada por J. Thomas Hewitt (Hewitt; Sharp, 2024).[14]

Ao que parece, por "Adivinhação" ou "Divinação" (*Divination*) no título de seu livro, Sharp pretende um termo que seja inclusivo, por assim dizer. Ele seria preferível em relação ao termo antigo "profecia" ou o mais recente "discernimento" para um mapeamento completo do pedregoso caminho das ideias paulinas.

Sharp se vale do método de comparação em que opta por falar na condição "distintiva" de Paulo, mas não "singular". Ao passo que este segundo termo colocaria

13 Após Sanders e Dunn, houve uma renovação de publicações sobre Paulo. Embora o trabalho de Ashton seja bem característico, ele já é parte deste novo momento. A chamada "Pós-Nova Perspectiva" propriamente dita foi atribuída a autores como Douglas Campbell. Veja a discussão sobre a pós nova perspectiva em Tilling.

14 Esta citação se refere ao livro de Sharp Divination and Philosophy in the Letters of Paul que foi revisado neste artigo por Hewitt em diálogo direto com o próprio autor.

Paulo numa condição de ser incomparável, o segundo termo insere o apóstolo em seu contexto enquanto considera aspectos próprios paulinos. Sua labuta é evitar a singularidade teológica de Paulo típica da tradição cristã, mas para Sharp pouco histórica, e inserir esse apóstolo em seu contexto histórico amplo com todas as implicações envolvidas.

Essa obra de Sharp avaliada por Hewitt representa bem tentativas recentes de oferecer propostas seminais de novas abordagens paulinas que sejam provocantes e, ao mesmo tempo, plausíveis cientificamente. Existe, pois, um ambiente acadêmico em que se deseja avançar nos estudos paulinos, apesar da enorme produção já feita ao longo do tempo.

Contudo, uma das principais razões para essa situação da acima mencionada dicotomia entre história e teologia é a outra dicotomia clássica entre pensamento e experiência, com a apreciação unilateral do primeiro e desdém da segunda, com a alegação de que esta última, a experiência religiosa, é inacessível à pesquisa científica.

Sendo assim, no bojo desses questionamentos por uma possível renovação do tradicional MHC é preciso considerar e criticar uma hermenêutica racionalista como elemento prévio. Este teria sido um elemento intruso, que sorrateiramente adentrou ao método, o MHC, como pressuposto que se impôs, o que resultou num Paulo racionalizado, desmitologizado, desprovido dos elementos estranhos às nossas mentes acadêmicas modernas racionalistas, com verniz científico, mas pouco histórico.

Nossa herança paulina passa pela Reforma Protestante, pela revolução da modernidade marcada pelo racionalismo e contrastada pelo pietismo, e também pelos meandros dos movimentos religiosos posteriores, especialmente o surgimento do movimento pentecostal e carismático que, enquanto interage muito com Paulo, também tem marcado significativamente e amplamente a diversidade cristã no mundo. Assim, a abordagem de Paulo na academia precisa considerar esses elementos, até porque está sendo reivindicada a era da ênfase em quem lê, e que herda este processo complexo.

Neste sentido, caberia um programa por uma "remitificação" de Paulo, para empregar uma expressão de Nogueira (Adam; Saldanha; Reblin, 2019, p. 306). Ele emprega esta expressão num contexto em que critica nosso (ele se inclui) equívoco moderno de reduzir a leitura de textos do cristianismo primitivo em termos de busca da história factual e desprezo pela evidente hiperconectividade imagética e narrativa que caracteriza estes textos. Apesar de incluir todos e não deixar apenas Bultmann sob pesado questionamento, oferece uma dura crítica ao programa de desmitologização deste último que, segundo ele, não tinha nada para dizer sobre seu contexto histórico da Segunda Guerra Mundial e suas mazelas.

Essa proposta oferece uma crítica até mesmo a uma abordagem histórica, se por "histórica" se entende uma aproximação basicamente sociológica das relações sociais e políticas envolvidas na pesquisa sobre Paulo. Já vimos que tal abordagem tem tido seu lugar em pesquisas mais recentes. Mas, uma concepção mais ampla do caso paulino não pode deixar de observar a tendência reducionista, mesmo numa abordagem tida como histórica.

Certamente é bem-vinda a excelente e perceptiva proposta de levar mais a sério o elemento imagético e fantástico, tão característico aos documentos do cristianismo primitivo, bem como da vasta literatura antiga, no bojo de uma remitificação. Apesar de que esse termo, remitificação, ainda tenha um viés moderno, de dicotomia entre "mito" e "história", e tenha sido cunhado a partir desse prisma.

Denominar o sobrenatural narrado pelos antigos de "mito" passa pelo crivo hermenêutico da modernidade. Um problema neste sentido, por exemplo, seria quando quem pesquisa já *pressupõe* que as narrativas antigas sobre experiências transcendentes são mitos literários criados pelo cérebro humano, e nada mais.

Um exemplo contrastante neste sentido é um pesquisador da envergadura de Klaus Berger (2004, p. 28-41) e sua abordagem dos milagres. Em seu livro cujo título pergunta se é possível acreditar em milagres, a primeira afirmação coloca a abordagem destes como algo decisivo para o futuro do cristianismo. A julgar pelo conteúdo do livro, Berger pretende ir mais além da concepção dos milagres como mitos literários, e os coloca no âmbito de experiências religiosas factuais (Chevitarese; Cornelli, 2009, p. 69-81).[15]

Sua primeira afirmação é "os milagres não são, de modo algum, uma cratera secundária no solo do cristianismo – não mesmo -, e talvez o futuro do cristianismo dependa da possibilidade de voltarmos a descobrir o charme dessas provas sensíveis do amor de Deus" (Berger, 2004, p. 5). No Brasil, este livro com seu título pode passar despercebido como mais um produto de autores carismáticos. Entretanto, estamos falando de um autor que atuou numa grande universidade alemã que, conquanto deixe clara sua rejeição de abordagens fundamentalistas, escreve sobre milagres com um viés também pastoral (embora não único) num contexto científico europeu.

Embora tenhamos falado de milagres, a questão envolve tudo aquilo que a modernidade denominou de mito ou lenda porque concluiu que não se encaixa no seu esquema lógico racionalista. Isto diz respeito, portanto, a toda e qualquer narrativa que não se enquadra em tais denominações, a juízo da razão humana moderna.

Daí que, tanto em meios liberais como conservadores e até fundamentalistas, bem como na academia que pretende estudar a religião como fenômeno a ser analisado com critérios das ciências sociais, Paulo é abordado com esse viés reducionista que o vê como teólogo das ideias, e despreza esse elemento tido como mito ou lenda, cujo resultado tem sido denunciado como uma caricatura moderna.

O professor Michael Stone (2003, p. 174), da Universidade Hebraica de Jerusalém, se preocupou com a questão da ficcionalidade, especialmente nos pseudepígrafos, sua especialidade, notadamente o padrão de relatos desse tipo, que ele mesmo chama de "estado alternado de consciência" (alternate state of consciousness), que parece denotar artificialidade e, daí, a conclusão de que tais relatos são narrativas fictícias não espontâneas, dentro de certo padrão.

Mas, além de considerar, com base em 4 Esdras, que nem todos esses relatos são padronizados, ele parece tangenciar a ideia de que os relatos, mesmo que produzidos pelo próprio visionário, já são um segundo momento em que este relata o ocorrido dentro dos padrões de seu mundo.

Stone (2003, p. 169) também considera um certo desconforto dos especialistas recentes em tratar do tema, que frequentemente é evitado nos trabalhos científicos realizados. Mas o desconforto tem, na verdade, mão dupla. Ele também soa um reducionismo de características racionalistas do mundo científico recente que evita temas dessa natureza.

Em contrapartida, vale aqui mencionar o trabalho sobre Paulo de Tarso, de Sebastiana Nogueira, em seu esforço de demonstrar que a neurociência não é capaz de responder todas as perguntas sobre por qual razão e como o ser humano experimenta a transcendência, enquanto ressalta que, conforme os dados atuais, o cérebro humano não cria a experiência transcendente, mas apenas a medeia (Nogueira, 2016, p. 180-181).

[15] Nesta obra citada, Paulo Nogueira avalia outra obra de fôlego de Berger, cujo título é apenas "Jesus", em que ele insiste em desafiar o reducionismo das abordagens a respeito do Jesus histórico a partir da modernidade, notadamente a concepção mitológica dos milagres, entre outras questões que desafiam o que ele tem por reducionismo produzido pela modernidade. Nogueira confessa não estar afinado com as propostas de seu antigo professor pela, segundo ele, falta de critérios de aplicação que tendem a abafar o diálogo acadêmico, mas admite que as provocações e questões levantadas por Berger são relevantes.

A proposta, então, é que uma abordagem paulina no âmbito da referida renovação deve considerar também elementos para uma *retranscendentalização* da experiência religiosa. Ao dialogar com a história da interpretação paulina, com novas teorias de linguagem, com a investigação das manhas de sentido, com a polissemia dos relatos e de quem os lê, e com o elemento imagético e fantástico por si mesmo, quem pesquisa não decide previamente pela definição dessa transcendência como mero produto da mente humana, mas deixa em aberto a possibilidade de causas outras, até mesmo externas, sejam elas quais possam ser.

O que está em questão aqui não é buscar qualquer legitimação científica para determinada experiência de transcendência, mas uma academia que esteja aberta à pesquisa sem reduzir previamente a realidade às questões meramente típicas do racionalismo moderno, tendente a depreciar a experiência religiosa, tão amplamente alegada na história da humanidade, ao mesmo tempo que busca relevância para o tempo presente, tempo de quem lê o texto.

Especialmente num país como o Brasil, tão tendente ao misticismo religioso, e que não passou pelo Iluminismo, a academia, para ter mais relevância e não cair numa situação de gueto, como a alegada alienação de Bultmann conforme apontada acima por Nogueira, precisa tratar a questão da experiência religiosa de maneira inicialmente aberta, sem definições pejorativas *a priori*, ou mesmo meramente como efeito de outras causas. Nesse ambiente tipicamente religioso, a academia precisa ter algo a dizer.

Se a dificuldade é a subjetividade envolvida e talvez falta de critérios, de métodos, no primeiro caso não há como escapar, mas este é um problema que não se limita às pesquisas do tipo que adotamos aqui. Há diversas abordagens hoje, como as que estão em Adam, Saldanha e Reblin (2019), que denunciam o que ficou no esquecimento por muito tempo.

Para qualquer objeto de investigação, inclusive, por exemplo, a neurociência, os resultados das investigações são geralmente tangentes ao ambiente cultural e às convicções religiosas dos pesquisadores (Cescon, 2011, p. 294-295). Uma vez reconhecida esta condição, a tarefa é justamente buscar critérios e métodos que possam proporcionar satisfatoriamente o diálogo acadêmico.

Os relatos experienciais, não somente de Paulo, mas também de diversas narrativas que pertencem ao seu entorno, bem como a bagagem acumulada sobre a pesquisa gerada pelo interesse nesses temas nos últimos anos, podem fornecer elementos para um viés mais plausível de interpretação (em contraste com a típica e clássica abordagem teológica doutrinarista), sem previamente relegar tais relatos pejorativamente a invenções criativas ou mesmo aberrações.

Se há autores como Martha Himmelfarb (1993, 6-7 e 95-114), que consideram tais relatos apenas como peças literárias, sem qualquer relação com a experiência, outros diversos autores, todavia, consideram as experiências religiosas relatadas como algo característico da experiência humana, sem rotulação pejorativa prévia. Alguns destes são Scholem (1960, p. 4; 1972, p. 6), Rowland; Morray-Jones (2009, p. xv-xxii), Elior (2011), Segal (2010, p. 18-19 e 439-463), Alexander (2006), DeConick. (2006, p. 1-2 e 27) e em Shantz e Werline (2012).

Angela Harkins (Shantz; Werline, eds., 2012, p. 223-242), por exemplo, procura buscar legitimidade para e experiência religiosa a partir dos conceitos de "primeiro-espaço", "segundo-espaço" e "terceiro-espaço" de Lefebvre, e de "lugar sem lugar" na "heterotopia" de Foucault. Embora a autora trabalhe basicamente vendo os textos como "combustível" para a experiência religiosa, ela representa tentativa de avançar além das concepções pejorativas de esvaziamento da experiência religiosa. Vale também registrar que trabalhos deste tipo, especialmente da última obra citada, fazem parte de uma seção

da *Society of Biblical Literature* denominada *Religious Experiencie in Early Judaism and Early Christianity*.

Peter Jedlika e Martha Havenith publicaram alguns meses atrás um interessante artigo sobre neurociência e experiência religiosa, com destaque para experiências extáticas, bem fundamentado com diversas referências bibliográficas sobre o tema, o que mostra o interesse crescente em assuntos deste tipo (Jedlicka; Havenith, 2025). Entre as várias contribuições importantes desse artigo que não nos cabe desenvolver aqui, ficam em destaque algumas.

Um aspecto importante é que o artigo classifica o êxtase religioso, algo muito ligado a Paulo como destacamos, como uma patologia, como uma "epilepsia extática" (*ecstatic epilepsy*). Mas, este ensaio admite que a análise do êxtase está além, e não pode ser reduzido a uma patologia. Inclusive, coloca em conta que as experiências extáticas também são descritas como experiências positivas de alegria, satisfação, e coisas assim, não tão compatíveis com patologias, embora não mencione os casos de sofrimento, ferimento, opressão e coisas semelhantes, e até mesmo morte, pelo menos em relatos mais antigos (Rowland; Morray-Jones, 2009, p. 421-498).[16]

Esse ensaio também analisa o que é chamado de "intuição localizacionista" (*localisationist intuition*) – a tese de que nosso cérebro é como que departamentalizado – o que significa que haveria nele um "centro de espiritualidade" (*spirituality centre*). Entretanto, conclui, embora existam progressos neste campo de departamentalizar atividades cerebrais, as fortes conclusões localizacionistas parecem por vezes exageradas, e precisam ser replicadas por outros estudos. Não há comprovação até o momento de um centro cerebral de espiritualidade.

Mais ainda, esse artigo também afirma que tratar a experiência religiosa ou êxtase religioso como mera produção cerebral é algo que precisa ser ainda muito investigado. Pelo contrário, diz o ensaio, as evidências parecem demonstrar que há algo além disso.

O artigo termina de forma muito positiva. Não abre mão da pesquisa da possibilidade do êxtase como patologia, mas também afirma que isto não deve impedir um diálogo positivo entre neurociência, neurofilosofia e neuroteologia. Também é admitido que os estudos sobre esse assunto ainda estão gatinhando, mas há muito que produzir num diálogo interdisciplinar, que possa sugerir e aplicar métodos plausíveis cientificamente.

Que fique anotado, todavia, que a intensão ao apresentar esse artigo de Jedlika e Havenith não é confinar as pesquisas sobre experiência religiosa e o êxtase somente a esse campo de abordagem, mas ilustrar a diversidade de caminhos que são possíveis de considerar para uma análise que não fique presa às fortes caricaturas construídas sobre o apóstolo Paulo ao longo da história, e que marcou tanto, especialmente o ocidente, mas seja capaz de avançar para novas possibilidades acadêmicas que novos tempos demandam.

De volta, então, ao nosso apóstolo em questão, o Paulo dos arrebatamentos celestiais, e das visões e revelações, tão comuns em seu mundo, destacadas por ele mesmo no plural (2Cor 12.1-4),[17] estão em pauta nesse campo de estudo, com um viés da antiguidade. Disto faz parte seu próprio evangelho (Rm 1.17;3.21; Gl 1.15-16), o falar

[16] Rowland e Morray-Jones analisam nesta obra a experiência dos quatro que foram arrebatados ao paraíso, onde três pereceram e somente um voltou, pois o céu é um lugar perigoso. Mas esta passagem pode ser entendida como um desestímulo a viagens celestiais no judaísmo posterior.

[17] Não deixa de ser significativo que seu primeiro biógrafo descreva três vezes sua experiência de revelação de Jesus Cristo, e que apresente o testemunho de Paulo diante das autoridades judaicas e romanas não em termos de argumentos teológicos, mas de relatos experienciais de transcendência (At 9.1-9; 22.1-11; 26.12-18).

em línguas em mistério para Deus (1Cor 14.18), os milagres como sinais de seu apostolado (2Cor 12.12), para citar apenas alguns exemplos.

Tais questões se distanciam das concepções paulinas modernas desmitologizadas. Distancia-se também de setores conservadores que confinam tais coisas a detalhes de menor importância nas cartas paulinas, com quase exclusiva preferência para o que teria sido a "doutrina" de Paulo – outra forma de desmitologização.

Este Paulo pode ser muito estranho e pouco atrativo a mentes modernas, mas não está longe do mundo religioso, não somente de seu tempo, mas inclusive do nosso. Ao passo que seja bem verdade, como já foi apontado (Machado, 2015, p. 18-19), que este Paulo esteja mais perto de João do Apocalipse do que dos reformadores e modernos racionalistas, ele também está mais no centro de nosso próprio mundo religioso contemporâneo.

5 Considerações finais

Acompanhar toda a vasta documentação da pesquisa em torno de Paulo, especialmente nos últimos séculos, é algo extremamente volumoso e enfadonho. Toda a controvérsia e as diversas posições contundentes e antagônicas em torno desse personagem, que aqui foram parcamente esboçadas, podem dar a impressão de que o empreendimento é fracassado. Mas, entendemos que é possível identificar renovados caminhos estimulantes ainda que os passos sejam vagarosos, como frenquentemente é natural na pesquisa científica.

Um ponto que, acreditamos, pode ser colocado em destaque é que já é tempo de reconhecer que o caminho para um Paulo mais histórico passa pela necessidade de novas revisões da centralização da justificação pela fé que desembocou numa concepção essencialmente intelectual da reta doutrina. Esta é uma questão teológica própria da Reforma Protestante, dela recorrente, que vem sendo meramente repetida depois de mais de quinhentos anos. Entretanto, Paulo não está distante de nós apenas quinhentos anos, mas dois mil anos. A questão aqui não é negar a teologia, mas colocá-la em seu lugar.

Como resultado para esse nosso ensaio, portanto, entendemos que ele aponta para a necessidade de novas abordagens em busca do Paulo mais histórico que meramente teológico. Portanto, isto não é somente um resultado, mas um desafio para a academia.

Mas também a principal questão não é encontrar o Paulo histórico estático, o que nunca será possível, pelo menos não plenamente. A questão principal é desvestir Paulo de caricaturas tipicamente e exclusivamente teológicas o quanto for possível, para que seja imediatamente revestido com uma roupagem mais histórica, de modo que seja significativo para o tempo de quem lê, ainda que não exista uma garantia prévia de que o resultado não seja uma nova caricatura.

A esperança, todavia, é que a nova caricatura espelhe melhor o original. Mas, enfim, não há como não considerar o tempo e a condição de quem lê como algo visceralmente ligado à interpretação, ao passo que é importante a continuação do trabalho interpretativo, pois interpretar é intrínseco, não somente a quem pesquisa, mas à vida humana.

Referências

ADAM, Julio César; SALDANHA, Marcelo Ramos; REBLIN, Iuri Andréas (eds.). *Estudos Teológicos,* São Leopoldo, v. 59, n. 2, p. 277-427, jul./dez. 2019.

ADAMS, Eduard; HORELL, David G. (ed.). *Christianity at Corinth. The quest for the pauline church*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2004.

AGOSTINHO, Aurélio. *O Mérito, o Perdão dos Pecados e o Batismo dos Bebês*. Livro I. Rio de Janeiro: Clube de autores, 2019.

ALEXANDER, Philip S. *The Mystical Texts:* Songs of the Sabbath Sacrifice and Related Manuscripts. London: T & T Clark, 2006.

ASHTON, John. *The religion of Paul the Apostle*. New Haven: YUP, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004.

BRAY, Gerald. *História da Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CALVINO, João. *Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997.

CAMPBELL, Douglas. *The Deliverance of God:* An Apocalyptic Rereading of Justification in Paul. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

CARSON, Donald. *Teologia Bíblica ou Teologia Sistemática?:* Unidade e diversidade no Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CASTELLI, Elizabeth; MOORE, Stephen; PHILLIPS, Gary; SCHWARTZ, Regina (org.). *A Bíblia pós-moderna:* Bíblia e cultura coletiva. São Paulo: Loyola, 2000.

CESCON, Everaldo. Neurociência e religião: as pesquisas neurológicas em torno da experiência religiosa. *Teocomunicação,* Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 293-314, 2011.

CHEVITARESE, André; CORNELLI, Gabrielli (ed.). *A descoberta do Jesus histórico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

COLLINS, Adela. Ethics in Paul and Paul in Ethics. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, v. 142, n.1, p. 6-21, 2023.

CROSSAN, John.; REED, Jonathan. *Em busca de Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DAVEY, Wesley T. Playing Christ: Participation and Suffering in the Letters of Paul. *Currents in Biblical Research,* Londres, v. 17, n. 3, p. 306-331, 2019.

DAVIES, Jamie. The Justice and Deliverance of God: Integrating Forensic and Cosmological in the "Apocalyptic Paul". *Currents in Biblical Research,* Londres, v. 21, n. 1, p. 78-88, 2022.

DECONICK, April (ed.). *Paradise Now*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006.

DEENICK, Karl. As Many as Were Baptized: Re-examining the Relationship Between Faith and Baptism in Galatians 3.27. *Journal for the Study of the New Testament,* Londres, v. 46, p. 511-533, n. 4, 2024.

DEISSMANN, Adolf. *Paul. A Study in Social and Religious History*. New York: Harper & Row, 1957.

DETIENNE, Marcel. *Comparar o Incomparável.* Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

DILLENBERGER, John. *Martin Luther:* Selections from his writings. New York: Doubleday, 1961.

DUNN, James. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James. *A nova perspectiva sobre Paulo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

ELIOR, Rachel. *The Three Temples:* On emergence of Jewish mysticism. Oxford: The Littman Library of Jewish Civilization, 2011.

ENGBERG-PEDERSEN, Troels. *Paul and the Stoics*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

FEE, Gordon. *1 Coríntios:* Comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019.

FITZMYER, Joseph. *A interpretação da Escritura:* Em defesa do método histórico-crítico. São Paulo: Loyola, 2011.

FONTANA, Julio. Por que o método histórico crítico não dá certo no Brasil? *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, São Paulo, v. 2, n. 10, p. 85-91, 2005.

FUNARI, Pedro. *Arqueologia e patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007.

GRASSO, Kevin. A Lingustic Analysis of pístis Christoû: The Case for the Third View. *Journal for the Study of the New Testament,* Londres, v. 43, n. 1, p. 108-144, 2020.

GREIMAS, Algirdas.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GUTHRIE, Donald. *Gálatas:* Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HAGNER, Donald; HARRIS, Murray (ed.). *Pauline Studies:* Essays presented to F. F. Bruce. Exeter: The Paternoster Press; Grand Rapids: Eerdmans, 1980.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. *Politização da Bíblia:* As raízes do Método Histórico-Crítico e a secularização da Escritura (1300-1700). Campinas: CEDET, 2018.

HAWTHORNE, Gerald; MARTIN, Ralph; REID, Daniel (org.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.

HEWITT, J. Thomas.; SHARP, Matthew. Finding out the Things of God: A Dialogue on Matthew Sharp's *Divination and Philosophy in the Letters of Paul* and New Testament Studies. *Journal for the Study of the New Testament*. Londres, v. 46, n. 4, p. 445-463, 2024.

HIMMELFARB, Martha. *Ascent to Heaven in Jewish & Christian Apocalypses*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HORSLEY, Richard. *Paulo e o império:* Religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.

JEDLICKA, Peter; HAVENITH, Matha. Religious and spiritual experiences from a neuroscientific and complex systems perspective. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews,* New York, v. 177, p. 1-15, 2025. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0149763425003203. Acesso em: 27 nov. 2025.

KIM, Seyoon. *Paul and the New Perspective:* Second thougths on the origen of Paul's gospel. Grand Rapids: Eerdmans; Tubingen: Mohr Siebeck, 2002.

LEITE, Francisco. Gêneros do discurso e *Sitz im Leben*: a origem comum e a relação entre os conceitos teóricos. *Reflexão*, Campinas, v. 46, e214998, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a4998. Acesso em: 28 abr. 2026.

LEONEL, João; ZABATIERO, Julio; NOGUEIRA, Paulo. *A Bíblia sob 3 olhares*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

LOPES, Augustus Nicodemos. O Dilema do Método Histórico Crítico na Interpretação Bíblica. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 115-138, 2005.

MACHADO, Jonas. *O Misticismo Apocalíptico do Apóstolo Paulo:* Um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa. São Paulo: Paulus, 2015.

MATLOCK, R. Barry; NOVENSON, Mathew (ed.). *Oxford Handbook of Pauline Studies*. Oxford: OUP, 2017.

MEEKS, Wayne (ed.). *The writings of St. Paul*. New York: Norton, 1972.

MEEKS, Wayne. *Os primeiros cristãos urbanos:* O mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992.

NOGUEIRA, Paulo (org.). *Religião e Linguagem*. São Paulo: Paulus, 2015.

NOGUEIRA, Sebastiana. *Viagem aos céus e mistérios inefáveis:* A religião de Paulo de Tarso. São Paulo: Paulus, 2016.

RÄISÄNEN, Reiki. *Paul and the law*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

ROWLAND, Christopher.; MORRAY-JONES, Christopher. *The Mystery of God*. Leiden: Brill, 2009.

SANDERS, Ed Parish. *Paul and palestinian Judaism:* A comparison of patterns of religion. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2015.

SCHNELLE, Udo. *Paulo, vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHOLEM, Gershom. *Jewish gnosticism, merkabah mysticism, and talmud tradition*. New York: The Jewish Theological Seminary of America, 1960.

SCHOLEM, Gershom. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo: Fonte Editorial; Novo Século, 2005.

SEGAL, Alan. *Paulo, o convertido:* apostolado e apostasia de Saulo fariseu. São Paulo: Paulus, 2010.

SHANTZ, Colleen; WERLINE, Rodney (ed). *Experientia:* Volume 2. Linking Text and Experience. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2012.

STENDAHL, Krister. *Paul Among Jews and Gentiles*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

STONE, Michael. A Reconsideration of Apocalyptic Visions. *Harvard Theological Review,* Cambridge, v. 96, n. 2, p. 167-180, 2003.

STUHLMACHER, Peter. *Paul's Letter to the Romans:* A Commentary. Louisville: John Knox Press, 1994.

STUHLMACHER, Peter. *Lei e Graça em Paulo:* Uma reafirmação da doutrina da justificação. São Paulo: Vida Nova, 2002.

THEISSEN, Gerd. *The Social Setting of Pauline Christianity*. Edinburgh: T&T Clark, 1982.

TILLING, Chris (ed.). *Beyond Old and New Perspectives on Paul:* Reflections on the Work of Douglas Campbell. Eugene: Cascade Books, 2014.

VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?:* Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

VASCONCELOS, Pedro; FUNARI, Pedro. *Paulo de Tarso, um apóstolo para as nações*. São Paulo: Paulus, 2013.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica